

**MODA E IDENTIDADE ATRAVÉS DAS CELEBRIDADES:  
ANÁLISE DO GRUPO LITTLE MIX (2016-2017)**

Igor Lemos Moreira <sup>1</sup>

**Resumo:** No ano de 2016 o grupo de cantoras inglesas Little Mix, assim como suas relações com o corpo e modos de vestir, ocupou grande espaço entre os portais de notícia do segmento pop no Brasil. Dividindo a opinião de outros artistas e críticos entre “vulgares” e “empoderadas”, o grupo passou a servir de exemplo para as discussões sobre gênero e moda entre celebridades, fãs e internautas. Partindo de publicações em portais de notícias brasileiros entre 2016 e 2017 referentes ao grupo Little Mix, esta comunicação pretende discutir as narrativas ligadas a moda e ao ato de vestir enquanto constituir da identidade de artistas pop’s internacionais no final do século XX e início do XXI. Com base no campo da história do tempo presente, esta comunicação pretende historicizar a cultura pop e midiática contemporânea (ROUSSO, 2016) através das percepções de estratos de Tempo (KOSELLECK, 2014). Discute-se especialmente as relações entre moda e gênero (SANT’ANNA, 2008) enquanto campos de representação e disputa das identidades, assim como espaços de identificações (HALL, 2006). Deste modo as maneiras de vestir não apenas são interpretados aqui como relações sociais (CERTEAU, 1996), mas também enquanto práticas permeadas por experiências coletivas e históricas que transcendem o indivíduo e/ou a celebridade.

**Palavras-chave:** História do Tempo Presente. Celebridades. Moda. Identidade. Música Pop.

## INTRODUÇÃO

Ladies all across the world, listen up / We’re looking for recruits/ If you’re with me let me see your hands / Stand up and salute/ Get your killer heels, sneakers, pumps / Or lace up your boots /Representing all the women / Salute, salute (MIX, Little. 2013).

A música *Salute*, lançada pelo grupo de cantoras *pop* inglesas Little Mix, se tornou um dos principais cartões de apresentação da *girlgroup* ao redor do mundo. Com mais de três álbuns com reconhecimento internacional lançados, o grupo vem se consolidando enquanto parte de uma nova geração de artistas da música *pop* de origem anglófona na atualidade. Na primeira estrofe da canção observa-se um dos principais discursos do grupo durante toda sua carreira e que permeia todos os seus discos: o empoderamento feminino. Conhecidas por de-

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista CAPES-DS e Integrante do Laboratório de Imagem e Som. E-mail: igorlemoreira@gmail.com

fenderem os direitos das mulheres e por expressarem suas opiniões sociais e políticas através de performances o grupo, vencedor de 2011 do *The X-Factor* na Inglaterra, é composto pelas cantoras Jade Thirlwall, Jesy Nelson, Leigh-Anne Pinnock e Perrie Edwards.

Desde o início da trajetória do grupo, iniciada ainda no *reality show*, já é possível observar que o grupo para além de possuir uma forte relação com a performance em cena/palco, trabalha constantemente com a adaptação de suas posturas e visuais para o cotidiano, sendo inclusive comentadas em variados blogs e sites de notícia ligados à cultura *pop* no Brasil. Conhecidas por seus visuais chamativos e mudanças constantes de cortes/cores de cabelo, o grupo passou a crescer nos veículos de comunicação especialmente a partir do lançamento do álbum *Salute* em 2013.

Contudo, seu mais recente álbum: *Glory Days*, foi responsável não apenas por assegurar ao grupo a permanência no *mainstream* da música *pop*, como também por garantir um espaço inesperado nos veículos de comunicação. O álbum em questão, lançado em 2016, foi composto em colaboração com as artistas que buscaram aumentar o número de experiências e/ou reflexões em suas canções trazendo a tona problemas e enfrentamentos com outros artistas em suas letras<sup>2</sup>. Mesmo repleto de letras e ritmos novos e provocantes, o principal tema dos lançamentos do grupo no último álbum não tem sido suas músicas em si, mas sim a dimensão visual das apresentações e vídeos, especialmente suas roupas e escolhas visuais.

A presente comunicação pretende problematizar a cultura *pop* e midiática contemporânea através do campo de estudos da História do Tempo Presente. Objetiva-se especialmente discutir as relações entre moda e gênero enquanto campos de representação e disputa das identidades, assim como espaços de identificações (HALL, 2006), no século XXI sob a perspectiva de Estratos de Tempo (KOSELLECK, 2014) visando uma análise da contemporaneidade do não-contemporâneo. Para este trabalho, foram escolhidas como estudo de caso algumas publicações datadas de 2016 disponibilizadas em portais de notícia brasileiros. Se pretende discutir as relações dos modos de vestir como práticas permeadas por experiências coletivas e históricas que transcendem o indivíduo e/ou a artista, mas que atuam na constituição daquilo que entendemos como *celebridade* ou ídolos juvenis através da linguagem.

---

<sup>2</sup> Tal questão se faz presente no primeiro single do *Glory Days* lançado em 2016 intitulado *Shout Out to My Ex*. A canção em questão foi escrita partindo das experiências das cantoras com términos de relacionamento tomando, especialmente como inspiração o recente rompimento de Perrie Edwards com o ex-membro do grupo One Direction Zayn Malik.

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CELEBRIDADES “ONLINE” NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE

A história do tempo presente, ao menos relacionada a escola francesa ligada ao Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), vem se consolidando como uma perspectiva de estudos centrada na historicização de nossa sociedade contemporânea, a partir de elementos como a memória, o testemunho, o trauma e os usos do passado (ROUSSO, 2016). Através da noção da “contemporaneidade do não-contemporâneo” (DOSSE, 2012), os investigadores ligados ao campo visam compreender o presente enquanto um meio-termo entre passado e futuro em que o tempo vivido se constitui e se experimenta em um tempo onipresente. Tal argumentação, defesa básica da tese de regime de historicidade presentista formulada pelo historiador francês François Hartog (2013), considera que as relações humanas com as temporalidades vivem sob um processo de aceleração do tempo advindo dos choques e traumas ocorridos no século XX e XXI. Tais choques, que Koselleck (2006) situa seus esboços ainda nos séculos XVI e XVII, seriam responsáveis pela desorientação dos horizontes de expectativas sociedades e pela emergência de novas preocupações com as experiências humanas e suas preservações, comumente representadas, por exemplo, na figura de Patrimônio Cultural.

Relacionada desde seus primeiros momentos de formulação com a escola dos *Annales*, especialmente através das perspectivas da história cultural e, posteriormente, da nova história política, a perspectiva francesa da história do tempo presente visa compreender nossa contemporaneidade como um momento de confluência de múltiplos estratos de tempo e/ou experiências onde temporalidades distintas se entrecruzam em um espaço ou momento comum sem se contra-por ou sobrepor. Tais estratos seriam observáveis em campos distintos, como a história dos conceitos, os já citados patrimônios culturais, as práticas de criação de acervos ou, como no objeto deste artigo, os meios digitais e a criação de ídolos juvenis.

Alain de Botton (2015), ao realizar um estudo sobre a escrita e transformação de fatos cotidianos em notícias, afirma que o impulso por admiração é uma característica importante e irreprimível de nossa psique. O processo de constituição e compromisso com “celebridades” poderia ser verificado, segundo o pesquisador, desde as sociedades gregas quanto no cristianismo e estaria relacionado a ideias de autoaperfeiçoamento cotidiano. Remontado ao *topos* da história enquanto mestra da vida, onde os casos exemplares serviriam de base para o aprendizado, o autor associa a imagem das celebridades/artistas, assim como suas produ-

ções/obras, e a construção midiática que a imprensa faz dessas a uma intenção de ensinamento e de constituição de sujeitos. Contudo, essa dimensão de ensinamento e de aproximação com modelos são construídos através de elementos sociais, políticos, culturais, históricos. A constituição midiática, assim como a cobertura jornalística feitas de ídolos e celebridades juvenis é indissociável da intencionalidade dos produtores noticiosos, afinal as produções possuem intenções que partem de seus produtores e financiadores.

As sociedades midiaticizadas vivem, desde o século XX, um processo acelerado de aumento de informações e meios para a constituição narrativa de acontecimentos, apontando, igualmente, para novas formulações de possibilidades de espetáculos. Conforme aponta Débord (1997), o espetáculo, para além de representar um evento e ser uma constituição textual e/ou imagética, encontra-se na relação social entre as pessoas. Pensando na trajetória de vida do grupo *Little Mix*, enquanto acontecimentos midiaticizados, é importante lembrar que “o que nos interessa é acompanhar os passos de uma trajetória singular que suscite inquietações, dúvidas e incertezas que também possam interessar a todos aqueles preocupados com os problemas e a relevância da pesquisa e da escrita histórica” (AVELAR, 2010, p. 169).

Conforme Gilles Lipovetsky, “a cultura mass-midiática cresce nesse terreno, tem o poder de fazer o real, de entreabrir o campo ilimitado das projeções e identificares. Consumimos em espetáculo aquilo que a vida real nos recusa” (LIPOVETSKY, 1989, p. 221). Desse modo, podemos pensar a escrita da história do grupo aqui selecionado articulada a uma busca pelo registro e pela construção de figuras “ideais” e de inspiração de estilo de vidas. Assim, as produções referentes ao grupo Little Mix se relacionam não apenas as cantoras como artistas, mas também enquanto modelos de inspiração e influenciadoras na constituição de identidades. Essa relação além de possuir uma forte ligação com estratégias de construção de trajetórias de vida dos artistas, a produção de suas obras, biografias e de acontecimentos pelos veículos de mídia, também aponta para movimentos de comercialização e mercadorização da cultura (HUYSSSEN, 2014) e da arte uma vez que não apenas as produções dos grupos são comercializadas, mas também suas vidas públicas e privadas passam pelo mesmo processo tornando-se, de certo modo, a parte as vezes mais importante que suas obras ou, em alguns casos, tornando a vida sua própria obra. Nessa construção, a internet e a escrita de livros de biografias são dois dos principais espaços de desenvolvimento de práticas de comercialização de artistas/celebridades, assim como de escrita e tentativas de se oficializar uma história relativa a estes.

Apesar de os estudos relativos à escrita da história de ídolos juvenis, especialmente em meios digitais, constituírem um campo ainda pouco explorado pela historiografia para pensar a escrita da história, ele vem se mostrando como um espaço profícuo de análise. Os estilos narrativos ou ressonâncias midiáticas e artísticas são exemplos de locais onde podem ser observadas as interseções da escrita da história na construção de um passado mais recente. Deste modo proponho problematizar as relações entre artes, artistas e os meios digitais ao pensar as produções artísticas, práticas de presentificação do passado e construção de identidades (GUMBRECHT, 2010).

Além disso, e tendo em vista a existência de economias e do consumo das figuras e de seus atos por parte tanto das mídias quanto dos sujeitos que tem contato com estes artistas, este trabalho busca alinhar-se com trabalhos sobre difusão de artistas e de meios de comunicação enquanto formadores de identidades, pensamentos e de mercadorização da história. Partindo do que coloca França (2008), em seus estudos sobre Frank Ankersmit e Hans Ulrich Gumbrecht, é essencial neste trabalho pensar as articulações desenvolvidas na escrita da história, pensando nas maneiras pelas quais os textos e as demais produções de sites podem fazer o passado presente novamente, considerando que as coberturas e construções feitas pelos sites poderiam substituir a ausência do passado. Assim, conforme aponta a autora, partiríamos de uma perspectiva onde as narrativas poderiam ser vistas enquanto possibilidades de substituição das ausências.

### **LITTLE MIX: EMBATES ENTRE/SOBRE O MODO DE VESTIR-SE**

O ato de “vestir” pode ser interpretado como uma prática social instituída a partir de nosso cotidiano inventado as mil maneiras (CERTEAU, 2008). Considerando que nossos corpos são também veículos de expressão e representação das identidades, que por sua vez se constituem a partir de processos de identificações (HALL, 2006), podemos compreender que as práticas que permeiam o modo de vestir-se, assim como a criação de visuais, seriam formas de representação e expressão de individualidades/coletividades. Mas, principalmente, as questões relativas a vestimentas e/ou a moda, apontam para traços, ou camadas de experiências de temporalidades múltiplas que confluem em espaços.

É patente no meio artístico, especialmente na indústria considerada enquanto *pop*, que as relações entre moda e identidade já mencionadas se tornem um dos principais traços da

personalidade/identidade de tais artistas. Deste modo, a relação do artista com a moda/vestimenta é encarada aqui não apenas como parte de sua performance (ZUMTHOR, 2007) ou de sua construção estética-visual, mas também é interpretada como uma maneira lingüística de expressão e construção da identidade daquele sujeito e de seus fãs. Conforme aponta Almeida (2013), a expressão corporal formaria uma dimensão dos sujeitos cotidianamente. Através de gestos, movimentos e reflexos nossos corpos, de acordo com a autoria, também seriam espaços de comunicação e de transmissão de sentidos e ideias. Deste modo, o corpo “vestido” ou a relação com o corpo é aqui encarada enquanto um modo de representação da identidade daquele artista, que por sua vez acaba por relacionar-se com demais sujeitos.

Este trabalho parte de tal relação, manifestada comumente em performances e nos modos de vestir de determinados artistas que acabam também por transformar tais sujeitos em alvos de discussões e problematizações sociais. A fim de um estudo de caso que vise apresentar um pouco das relações até aqui realizadas, toma-se como exemplo algumas publicações de sites brasileiros sobre o grupo Little Mix e seus modos de vestir. Partindo da compreensão das duas dimensões que compõe o artista já citadas: (1) As relações de sua formação com os estratos de tempo/e ou experiência. (2) As relações entre performance, moda e identidade. Mesmo que possam parecer dissociadas, ambas estão intrinsecamente ligadas no caso do grupo Little Mix e confluem de maneira nítida nas publicações estudadas tornando o modo de vestir uma prática construtiva do artista, mas também transmissora de experiências individuais e coletivas.

A escolha do meio digital de estudo se dá especialmente pelo fato de que no tempo presente,

Uma das características mais constantes da cineraste é a participação nas obras daqueles que as provam, interpretam, exploram ou lêem. Nesse caso, não se trata apenas de uma participação na construção do sentido, mas sim uma co-produção da obra, já que o “espectador” é chamado a intervir diretamente na atualização (a materialização, a exibição, a edição, o desenrolar efetivo aqui e agora) de uma sequência de signos ou de acontecimentos (LÉVY, 2010. p. 135-136).

Baseando-se na leitura de Pierre Lévy, podemos considerar que a publicação de textos e conteúdos referentes ao grupo Little Mix, ou qualquer outro artista pop atual, possuiria relações diretas com o público leitor que atuaria como um recriador/autor daquilo ao qual se faz

referência (GOULEMOT, 2011). A produção de sentidos através da leitura seria então tal espaço já mencionado tanto de criação identitária, como de embates entre experiências e representações, para além de momentos de entrecruzamentos das dimensões de passado, presente e futuro.

Um dos principais casos relativos ao grupo e que faz referência aos estratos de tempo foram as críticas da ex-*spice girl* Mel C ao grupo em Outubro de 2016. Segundo a matéria do portal Popline<sup>3</sup> o cantora criticou o grupo Little Mix, considerado como a grande *girl band* sucessora das *Spice Girls*, por apelar para roupas consideradas vulgares demais em suas performances. De acordo com a publicação, Mel C afirmou que

Para ela, o grupo vem apelando para a sensualidade cada vez mais, com intuítos comerciais, e não precisam disso. “Eu amo o Little Mix. Amo desde o X Factor. Apenas pensei que fossem diferentes, mas ela estão se tornando mais provocativas. Para mim, eram a coisa mais próxima que eu já havia visto das Spice Girls. Elas são todas lindas e ótimas cantoras. Mas não eram sexy e estão indo mais e mais para esse lado. Eu as amo, mas apenas digo ‘continuem vocês mesmas’”.<sup>4</sup>

A análise deste trecho relativo ao posicionamento da cantora possibilita elencar alguns pontos interessantes. O primeiro seria a referência direta a indústria cultural como detentora de uma imagem de manipuladora e/ou fabricante de perfis artísticos. No meio da indústria cultural da música *pop* é comum que a mesma seja mencionada como um ramo onde a identidade e individualidade do sujeito se percam em prol das decisões de instituições construtoras do sujeito-artista.

O segundo ponto seria a relação com o passado e a memória, inclusive afetiva, da própria Mel C desenvolvida com o grupo atual. A cantora, ao falar sobre o grupo Little Mix cita diretamente estas como as herdeiras ou seguidoras do legado criado na década de 1990 pelas *Spice Girls*. Percebendo que a memória sempre diz respeito ao momento presente e o passado é visto de maneira reconstruída neste tempo vivido, é possível analisar a fala de Mel C através de um elemento também nostálgico presente no íntimo de nosso regime de historicidade presentista.

---

<sup>3</sup> Atualmente o portal Popline é um dos sites de acesso a informação sobre música e cultura pop com mais acessos no país.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://portalpopline.com.br/spice-girl-mel-c-critica-little-mix-por-apelacao-para-lado-sexy/>

A nostalgia, tão em voga em nosso presente, estaria ligado, conforme Huysen (2014), a uma promessa de um tempo que não se faz mais presente, como uma forma de ruína que se apaga deixando apenas seus pequenos vestígios e impressões. Baseado nas categorias meta-históricas debatidas por Reinhart Koselleck (2006), é possível considerar que a fala de Mel C acaba por relacionar o grupo a sua própria história de vida, promovendo uma sensação de tempo onde seu espaço de experiências permitiria prever possibilidades de horizontes de expectativas para o grupo.

O terceiro e último elemento que gostaria de destacar, que encontra-se articulado ao ponto anteriormente citado, seria a relação entre moda e sexualidade. Conforme aponta Michel Foucault (2007), durante o período moderno, especialmente na Era Vitoriana, observasse, na cultura ocidental sob influência cristã, novas práticas discursivas ao redor da sexualidade e da sensualidade. Ao discutir cada vez mais o tema, as instituições como a Igreja Católica e o próprio Estado passaram a desempenhar uma forma de controle social dos corpos através da vigilância e da disciplina. Temas como a masturbação ou a exibição dos corpos passaram a ser discutidos e discursos referentes a sexualidade passaram a se tornar cada vez mais presentes através das falas dos sujeitos. Entre um dos mecanismos e também temas passíveis de relação com o controle da sexualidade estaria o corpo dos sujeitos e, especialmente nos períodos medievais e modernos, os usos de vestes e o modo de se portar.

A moda então passa neste período a ser um dos elementos principais do processo civilizador no contexto da normalização da sociedade e que vieram a resultar em uma série de práticas e sistemas de controles presentes em nossa sociedade. De acordo com Norbert Elias (1994), o processo civilizador vivido especialmente nas cortes europeias relacionaram o modo de vestir, como o traje de banho, ao erotismo e principalmente ao controle do corpo uma vez que para utilizar-se de determinado traje era necessário um controle da pulsação humana. No século XXI poderíamos pensar que o controle que anteriormente estava associado especialmente a uma dimensão mais biológica do impulso humano se expande e passa a integrar as práticas de cultura da aparência física e do culto ao “corpo perfeito” de maneira muito semelhante a Grécia antiga.

Ao analisar o caso do grupo Little Mix é possível observarmos o entrecruzamento entre as discussões de moda, gênero e cultura de valorização corporal. Na perspectiva foucaultiana, podemos pensar que as práticas discursivas são materializadas através de “conjuntos técnicos, em instituições, em esquemas de comportamento, em ritos de transmissão e de difu-



são, em formas pedagógicas, que ao mesmo tempo as impõem e as mantêm.” (FOUCAULT, Michel. 1997, p. 12). Deste modo, a celebridade torna-se ao mesmo tempo um lugar de imaginário social e de projeção de identidades onde o discurso da aparência física está atrelado a uma noção de gênero constituído (SCOTT, 1995) a partir de padrões de beleza e aparência impostos as mulheres.

Pensando nas relações com os veículos de comunicações, os debates sobre moda e aparência passam a crescer como temas nas revistas ilustradas brasileiras a partir da década de 1950. Nesse contexto “o foco no corpo individual, com seu detalhamento de medidas e peso, ganhava importância no universo das misses” (SANT’ANNA, 2012, p.115) e a mulher magra, branca a qual aparência serviria tanto de modo para a beleza fascinante, a sensualidade e também ao matrimônio.

Em outras publicações, ainda referentes a aparência e escolhas das vestimentas do grupo observa-se uma resposta a este tipo de comentário que remete as mesmas questões anteriormente citadas. No trecho abaixo podemos observar a resposta de uma das integrantes do grupo, a cantora Leigh Anne Pinnock, sobre a questão:

"Eu acho que amamos usar apenas o que queremos usar. Quando nos sentimos confortáveis no palco, não estamos realmente interessadas nos comentários negativos que as pessoas estão fazendo sobre ser provocante demais", disse ela. "Eu nem sequer acho que eles são tão provocativos, para ser honesta. Beyoncé e Lady Gaga sempre usam collant no palco e é realmente muito fácil de se movimentar, então provavelmente é por isso que nós escolhemos essas peças, porque dançamos e dançamos muito", continuou.<sup>5</sup>

A resposta de Leigh é singular para pensarmos que o grupo realiza uma associação com o corpo e a moda enquanto prática ligada ao mundo da música pop e da performance como já citado anteriormente. O corpo reflete não apenas a aparência e a estética do grupo, mas precisa também a própria identidade e intencionalidade do grupo para a performance no palco. Outras matérias a respeito foram publicadas nos últimos anos, geralmente envolvendo

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://br.eonline.com/eneews/leigh-anne-pinnock-rebate-criticas-aos-figurinos-quot-provocativos-quot-de-little-mix/>

suas roupas nos palcos como em “Little Mix sexy demais?”<sup>6</sup> e “Meninas da Little Mix mandam recado para quem falou mal do figurino da Get Weird Tour”<sup>7</sup>.

Ao mesmo tempo que tais publicações apontam para um discurso machista presente em nossa sociedade ocidental onde a mulher necessitaria estar sempre utilizando roupas comportadas e para o ainda presente discurso de controle dos corpos sexualizados, observa-se no grupo Little Mix que ambas escolhem e constroem suas roupas mediante as práticas necessárias para a performance em seu estilo de apresentação e/ou a estética do grupo objetivando a transmissão de um posicionamento em específico. Foi considerado então que a aparência “pode ser entendida como dimensão da experiência social que mediatiza a apreensão das representações construídas, não como instrumento, [...] mas como *substância*, que delimita, condiciona e significa a mensagem.” (SANT’ANNA, 2008. p. 8). A relação do grupo com a moda e o ato de vestir é marcada também, especialmente pelo que é expresso pelas publicações, a práticas sociais do grupo enquanto táticas para rompimento da ordem cotidiana que rompem com o discurso sobre o corpo feminino e, articuladas as canções, a contestarem um padrão de gênero ao qual as mulheres seriam impostas.

Ambos os pontos - o discurso sobre o corpo feminino e as relações do grupo com a moda, evocam temporalidades e experiências através de seus estratos conforme buscamos pontuar neste trabalho. O ato de vestir relacionado as celebridades foi aqui trabalho em uma perspectiva onde a moda se constitui enquanto uma prática social com finalidades específicas mas que passariam a representar uma identidade que seria a do grupo Little Mix. Deste modo, entre experiências e embates de nosso regime de historicidade presentista podemos pensar a (s) celebridade(s) enquanto sujeito(s) situado na confluência de temporalidades e discursos, de memórias e afetos, de linguagens e identificações.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tereza Virginia de. A voz no arquivo digital. In: **Texto Digital**, v. 9, n. 2, p.20-34, 10 dez. 2013.

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.purebreak.com.br/noticias/little-mix-sexy-demais-cantoras-defendem-os-figurinos-ousados-da-turne-nos-temos-o-balanco-ideal/25887>

<sup>7</sup> Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/moda/meninas-da-little-mix-mandam-recado-para-que-mal-do-figurino-da-get-weird-tour/>

AVELAR, Alexandre. A biografia como escrita da história. In: **Dimensões**, vol. 24, 2010, p. 157-172.

BARNES, Tom; KELLEHER, Peter; KOHN, Ben; COTTONE, Maegan; MIX, Little. Salute. Interprete: Little Mix. In: **Salute**. Londres/Inglaterra: Syco, Columbia, 2013, CD.

BOTTON, Alain de. **Notícias: Manual do Usuário**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DOSSE, François. História do Tempo Presente e Historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p.5-23, jan/jun 2012.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. 2.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

FRANÇA, Luara de Galvão. A discussão sobre a *presença* no cenário historiográfico ocidental. In: Sérgio Ricardo da Mata, Helena Miranda Mollo & Flávia Florentino Varela (org.) **Caderno de resumos & Anais do 2o. Seminário Nacional de História da Historiografia**. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

\_\_\_\_\_. **Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas de Leitura**. 5.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011. p. 107-116.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Contraponto, PUC-Rio, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente**: modernismo, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo**: estudos sobre a História. Rio de Janeiro: Contraponto, Ed. PUC-RJ, 2014.

\_\_\_\_\_. **Futuro Passado**: Contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3a Ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

ROUSSO, Henry. **A última catástrofe**: a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Sempre Bela. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. **Nova História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2012. p. 105-125.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Poder e aparência ? incontornáveis questões da Teoria de Moda. In: **4o. Colóquio Nacional de Moda**, 2008, Novo Hamburgo. 4o. Colóquio Nacional de Moda. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2008. v. 1.

SCOTT, Joan. "Gênero: Uma categoria útil de análise histórica." In: **Educação e Realidade**. 20(2), juldez, 1995, pp. 71-99.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify 2007.